

PIANO A PRETO-E-BRANCO

por Gonçalo Frota

Bernardo Sasseti é um cinéfilo, vírgula, e um conhecedor profundo dos compositores de bandas sonoras. Ponto. E isto é válido quer para o cinema mais comercial – que escorre melodias grandiloquentes a acompanhar cada beijo e torrentes de *staccato* numa qualquer perseguição que percorra pontes, túneis e acabe em becos que têm sempre saída –, quer para o cinema mais escuso, de preocupações artístico-filosóficas, em que qualquer momento mais dramático chega de mão dada com um pesado acorde sonogado ao princípio dos tempos. E isto é válido, sempre, para Bernard Herrmann, o homem que ajudou a inventar o cinema de Hitchcock. E de Orson Welles... Parágrafo, claro.

Apesar de a sua obra estar longe de se restringir a isso, o nome de Bernardo Sasseti está intimamente ligado ao cinema. Neste momento, uns quantos milhares já ficaram petrificados pela justeza emocional que o seu piano confere à história de *Alice*, longa-metragem de Marco Martins. Muitos descobriram-no aqui, numa miúda desaparecida. Descobriram-no numa aplicação de melodias minimais, circulares, numa espiral de dor tão intensa que custa a crer que as suas mãos não estejam em sangue. Ou, pelo menos, em lágrimas. Mas as suas experiências de compor para o grande ecrã vêm muito mais de trás, de quando se lançou na aventura de acompanhar ao piano alguns filmes na Cinemateca Portuguesa, e na gestação das notas que forneceram o pano de fundo para os filmes mudos nacionais *Maria do Mar* (de 1930, realizado por José Leitão de Barros) e *Os Crimes de Diogo Alves* (1911, João Tavares).

Aos poucos, mesmo sem ter uma tela por trás a entregar-lhe nas mãos um cheque em branco para preencher como bem lhe aprouver, a obra de Sasseti foi-se tornando cada vez mais dependente das imagens, como que envolvida por uma espécie de líquido amniótico cinematográfico do qual se alimenta em permanência. E isto entronca na perfeição nas suas características líricas e resgata para o corpo de trabalho do pianista uma vital rendição à beleza imensa do silêncio, ao espaço necessário à cumplicidade de instrumentos que não se atropelam (como acontece frequentemente no jazz), mas que se colocam à escuta uns dos outros, deixando que a resposta adequada se forme na configuração dos acordes antes de ser realmente partilhada. O culminar desse processo é evidente no seu recente lançamento de *Ascent*, álbum dividido por dois trios que se cruzam e que, não sendo uma banda sonora, recupera alguns dos seus temas compostos para *A Costa dos Murmúrios*, a estreia da realizadora Margarida Cardoso nas longas, um filme baseado no livro homónimo de Lídia Jorge.

Lugar cativo no espectáculo apresentado no Teatro Nacional São João terão os temas afectos aos já referidos *A Costa dos Murmúrios*, *Alice* e *Maria do Mar*, que constituirão a base para a improvisação que pontua sempre de forma magistral os concertos de Sasseti. Mas há ainda outros dois títulos cinematográficos garantidos num reportório que, afiança o próprio, será decidido no momento: *98 Octanas*, o novo filme ainda por estrear de Fernando Lopes; e *Quaresma*, obra de José Álvaro Morais, realizador com quem Sasseti colaborou mais intimamente e que foi fundamental para a sua percepção actual do espaço dentro da música. Dramática ou melancólica, nada disto, tudo o resto, reconhecível ou não, o certo é que a sua linguagem muito própria será comandada pelos caminhos que o peso do seu tronco quase sugado pelo teclado lhe exigir em cada segundo. E esses são caminhos, por agora, felizmente insondáveis.